

JUVENTUDE

OPERÁRIA

VASCO MARTINS

nº 15

ANO III

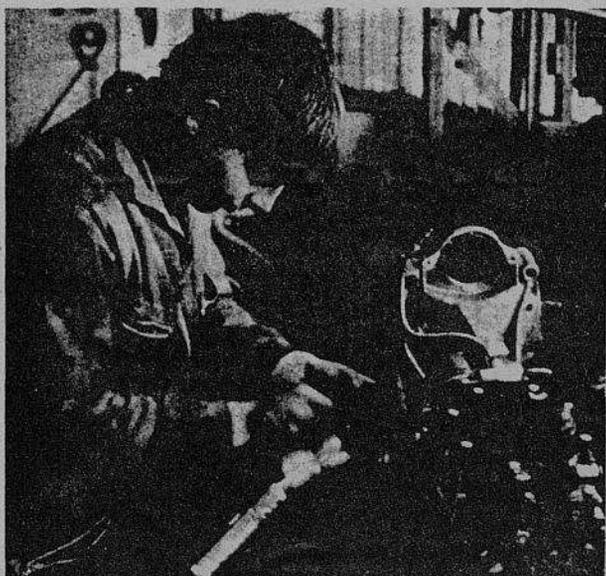
março-abril

1976

1 f.f.



A NOSSA LIBERTAÇÃO DEPENDE DE NÓS,
JOVENS TRABALHADORES



«APRENDIZ»

"JUVENTUDE OPERARIA"

Assinatura anual	10 F
Assinatura de apoio	15 F

Não é mais um
Nem é um a mais !...
Ele é o que nenhum é !
Ele é o que não sou capaz...
Porque já estou cansado.

Também não é adolescente !
É qualquer coisa de diferente,
capaz de revolucionar
que é urgente libertar.
É uma força viva...
Hoje productiva
Amanhã festiva
quando o "novo" alcançar.

A sua máquina
fabrica grades,
mas ele não quer ! Antes quer asas !
Pra fazer janelas nas casas...
Pra escrever nas paredes...
Pra ser livre...

Ena ! Mas não vem só ?!
São muitos, muitos de mãos dadas !

Não é já um aprendiz.
Ele fala de amor
a ralar a cantar
a falar a discutir
a criticar. Ele diz.

Só a verdade me revolta
porque não sou Operário
sou o que falta à minha volta
por isso com todos sou solidário

Sumário

IMIGRAÇÃO... EMIGRAÇÃO : Um comércio odioso	3
CORREIO DOS LEITORES.....	4-5
A NOSSA LIBERTAÇÃO DEPENDE DE NÓS, JOVEM TRABALHADOR !.....	6-7
A LUTA DAS OPERÁRIAS NA "CAPSULERIE".....	8
Suplemento JOVENS 13/17 ANOS :	
OS JOVENS ORGANIZAM-se.....	9-10
JOVENS IMIGRANTES = FUTUROS MANOBRAS.....	11-12
ENSINO DE PORTUGUES EM FRANÇA : entrevista.....	13-14-15
PORTUGAL : QUEM SÃO OS INIMIGOS DOS OPERÁRIOS E CAMPONESES ?.....	16-17
ALBÂNIA : PODER POPULAR.....	18-19
ERA UMA VEZ UM BURGUES.....	20

IMIGRAÇÃO ...

UM COMÉRCIO ODIOSO

Mais uma vez se encontram para discutir novos acordos para a imigração !

Sim, mais uma discussão entre os governos francês e português.

Há mais ou menos um ano, várias associações de portugueses, de diferentes regiões de França, encontram-se para ver o que querem obter com estes novos acordos.

Centenas de reivindicações foram propostas.

Neste momento está-se fazendo a síntese de tudo isto para enviar ao governo português, para a reunião em família franco-portuguesa.

Sim, uma reunião em família, porque daí nada vai sair, somente algumas reivindicações que, de toda a maneira, o governo francês é mais ou menos obrigado a aceitar. Não será a discussão que permitirá isto, mas sim a nossa luta diária.

Mas o mais importante não será discutido.

Que faz o governo português para acabar com a emigração?

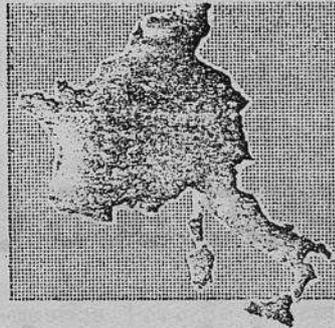
Teremos que nos contentar com alguns melhoramentos ?

E serão melhoramentos ou então novas formas para melhor nos poderem explorar e fazerem de nós o que querem ?

Exemplo, 3 novas cartas de trabalho : qual vai ser o efeito ? Menos complicações para o imigrante, menos papelada, como dizem certos jornais ? Ou então um meio de nos porem mais depressa no nosso país quando não precisarem de nós ?

E, por exemplo, uma das reivindicações que certamente vai pôr o governo português, é a de reduzir a carta de trabalho e a carta de "séjour" num só documento : em que modifica a nossa vida ?

Porque é que os dirigentes do nosso país, que se dizem democratas e que dizem



EMIGRAÇÃO

lutar para a construção de um Portugal Socialista, não pedem ao governo francês que todos os imigrantes, por exemplo, tenham os mesmos direitos que os franceses, apoiando assim as suas reivindicações ?

A razão é que os interesses são os mesmos.

De que falam dois capitalistas quando se encontram ?

Discutem formas de explorar o operário, para realizar mais lucros.

MAS NÓS NÃO DEVEMOS ACEITAR ISTO. TEMOS QUE NOS ORGANIZAR PARA DESMASCARAR TUDO ISTO.

NÃO NOS CONTENTAREMOS COM ESTAS REIVINDICAÇÕES

A NOSSA LUTA É PARA O FIM DA IMIGRAÇÃO.

*

livros

cultura popular

A leitura é um dos meios que temos ao nosso alcance para adquirir conhecimentos que nos ajudem a melhor compreender os factos que se passam connosco ou à nossa volta.

Conhecer hoje o processo social, a forma como está organizada a sociedade, as suas características é um aspecto importante para a nossa luta de trabalhadores.

Para responder a esta necessidade, existe uma colecção chamada "Cadernos de Educação Popular" que numa linguagem simples dá uma visão ampla e clara sobre o significado da "Sociedade Capitalista" e aponta características da nova sociedade que queremos construir.

Esta colecção é constituída de sete cadernos :

- 1) Explorados e exploradores
- 2) Exploração Capitalista
- 3) Monopólios e miséria
- 4) Luta de Classes
- 5) Imperialismo e Dependência
- 6) Capitalismo e socialismo
- 7) Socialismo e Comunismo

Neste momento podem ser adquiridos os 4 primeiros cadernos ao preço de 3 Francos cada um. Podem ser pedidos a redacção do Jornal.

*

CORREIO DOS LEITORES



a propriedade privada do senhor padre

Caros amigos,

Escrevo-vos para contar um caso passado há dias com um grupo de jovens portugueses. Este grupo queria realizar um encontro para convidar outros jovens para conversarem sobre a situação da imigração, a que eles vivem. A seguir a esta reflexão pensavam realizar um pequeno recreio. Para fazer este encontro, pediram uma sala que pertence à paróquia e que tem servido para encontros do género.

Tenho a acrescentar que este encontro foi decidido e preparado inteiramente pelos jovens do grupo, o que me parece importante, na medida em que nesta sociedade o que mais se vê são divertimentos estúpidos feitos pelos adultos para gastarmos o dinheiro que tanto nos custou a ganhar.



Também me parece importante porque foram as próprias pessoas a tomarem responsabilidades perante os outros jovens que já conheciam.

Mas, grande decepção: o senhor padre da paróquia não quis emprestar a sala. Porquê? O senhor padre não quis emprestar a sala, apesar de conhecer bem as pessoas que lhe pediram, porque estas mesmas pessoas tinham sido capazes, por elas próprias de organizar um encontro. O senhor padre não ficou contente de os jovens avançarem sem ele. E convidou estes mesmos a irem a outro encontro que ele organizava no mesmo dia e no mesmo sítio... Mas como estes jovens já sabiam que o que

ele fez não era justo, não era respeitar as pessoas nem as suas decisões, que era como que julgá-las incapazes de realizar um encontro, não aceitaram, e não houve encontro. Resultado: as pessoas mais activas do grupo, que começavam a dar-se conta que eram capazes de fazer alguma coisa por si próprias, estão desmoralizadas. Isto faz-me por algumas perguntas.

.O senhor padre está para quê? Para impedir as pessoas de avançarem? de se organizarem? Quando acabarão controles deste género?

.Quando é que determinadas pessoas deixarão de sentirem que têm poderes sobre outras? Para mim são as classes exploradoras que até aqui tem feito isto.

.As salas da paróquia pertencem a quem? De onde vem o dinheiro da sua construção? Para que servem? Se não é para estarem ao serviço de todas as pessoas sobretudo

daqueles que tem objectivos de consciencialização dos trabalhadores (e neste caso imigrantes), então é melhor fazer delas alojamentos para os trabalhadores, que vivem aos milhares em habitações indecentes.

Estes factos parece-me grave porque, além dos impedimentos, exploração, humilhações que sofremos diariamente porque somos trabalhadores e imigrantes, ainda por cima temos pessoas que em nome de Jesus Cristo acentuam estas humilhações, impedem-nos de nos organizarmos e avançarmos da forma que num determinado momento nos parece a melhor e a mais adequada.

Peço-vos que publiquem esta carta. Com os meus cumprimentos.

✱ M.M. - Paris

lutar para acabar com os patrões

Camaradas,

Tenho a dizer-vos que quando falamos da J.O.C. a muitos jovens, eles não sabem o que é. E quando dizemos que é um movimento de jovens operários cristãos, logo dizem que não vale a pena passar tempo com isto. Pois deve ser de nós falarmos em cristão. Eles dizem que nós andamos com os padres. Temos que lhes fazer ver que os padres não têm nada a ver com o que fazemos. Deveríamos dizer a todos os jovens que nós lutamos para um mundo melhor também para juntos nos ajudarmos. Os jovens que estão na J.O.C. lutam para acabar com os patrões, com os capitalistas. A J.O.C. ajuda-nos a saber muitas coisas que não sabemos.

Quando conheci o movimento, pensava que

era uma maneira de encontrar jovens para divertimentos, dançar, etc. Mas hoje vejo que é para trabalharmos juntos, para nos compreendermos, para nos organizar-mos e assim chegar aos outros jovens que ainda não conhecemos.

É melhor estarmos juntos, pois sabemos que nós os imigrantes temos muitas dificuldades. Temos que trabalhar juntos para melhor nos defendermos.

Quando nos reunimos entre colegas é para vermos a nossa situação nas fábricas "bâtiment" e também nas escolas e a condição das empregadas domésticas. Uma das dificuldades que encontramos é não saber a língua quando chegamos. Outras dificuldades aparecem. Uma delas é não ter colegas, o isolamento. Penso continuar a contactar mais jovens. Não podemos viver sós. Há muitas pessoas que pensam estar abandonadas. Mas nós estamos para procurar conhecê-las e nos ajudarmos perante os problemas que vivemos no trabalho, nas escolas, em casa.

★ Adão - Rouen

A PASCOA

segundo uma leitora

Que pensas-tu da Páscoa? Talvez tenhas por hábito de quando te entregam certos livros não te dares ao trabalho de ler; mas aqui para e dispõe dum momento da tua vida para reflectir um pouco. É fácil falarmos da Páscoa, é fácil dizer-se que Jesus morreu para nos salvar, fácil é dizer-se que Jesus ressuscitou para nos dizer que a morte não é o fim de cada um de nós.

Mas no teu dia a dia, nas alegrias, nas tristezas, nos momentos em que tudo vai da melhor forma, assim como quando tudo nos parece obscuro e difícil: Que pensas-tu? Que pensas de Cristo? Talvez da mesma forma como julgas um amigo ou um vizinho.

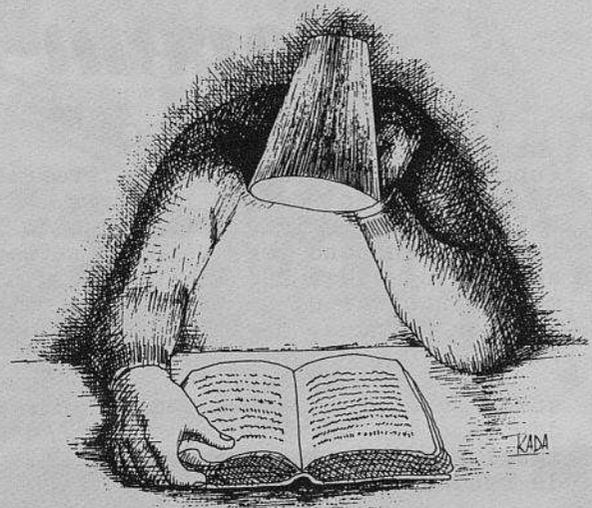
Quando tudo vai bem e que todos se compreendem sorrimos, etc. Mas quando choras quando tu mesmo não compreendes o porquê de certos problemas, aí que fazes-tu?

Achas que Cristo veio simplesmente para sorrir, dar e dizer: "Pedi e recebeis" e que quando pedes e não tens, mentiu ou nós mentimos quando falamos de Cristo.

Cristo sofreu e também chorou. Ele sabia quanto era duro resistir ao pecado humano. Mas venceu porque sabia acreditar

que uma recompensa existia e que valia a pena lutar... A prova deu-se quando todos julgavam que o fim tinha chegado e Ele ressuscitou.

Nós, Cristãos, herdeiros desta realidade, porque passamos a maior parte do tempo a julgar os outros sem nos julgarmos nós-mesmos!... Se queremos vencer a batalha da vida, vida que agora sorri, logo se chora, temos ganhar confiança em Cristo. Se tivermos confiança em Cristo, acreditamos nele não só nos bons momentos, mas nas horas duras da vida.



Podemos ter a certeza que venceremos e havemos de ressuscitar como Ele, na morte...

Assim, até nas horas amargas nos sentiremos mais próximos dele e em vez de nos lamentarmos, o nosso amor voará e nos unirá cada vez mais a Ele.

É este o amor verdadeiro. É isto ser cristão. E será assim que os homens se unirão e vencerão o mundo do ódio pela fraternidade.

Foi para isto que Jesus ressuscitou.

É para isto que celebramos a Páscoa.

"Amei-vos uns aos outros como Eu vos amei".

★ Rosa Carvalho e Castro

P.S. Gostava que publicasse estas folhas no jornal.

o que é o "correio dos leitores"?

A página do "Correio dos Leitores" está aberta, como o seu título o indica a todos os leitores, para que possam mandar as suas críticas, opiniões... O facto de publicarmos todas as cartas que nos chegam, não significa que estamos de acordo com o seu conteúdo. Deixamos estas cartas à crítica de todos os leitores.

A NOSSA LIBERTAÇÃO DEPENDE DE NÓS

Os trabalhadores imigrantes vivem condições de trabalho, de alojamento, mais injustas e desumanas que qualquer trabalhador do país onde estamos. A nossa vida diária mostra concretamente que a realidade imigrante é diferente. Além do concreto, temos que ter em conta a nossa história vivida no país de origem, Portugal. História que engloba a vida de um povo: a sua cultura, forma de viver, de se organizar, de conceber a vida, a sua língua. Hoje nós estamos condicionados por uma situação que nos põe à margem, pelas suas injustiças e desigualdades, mas também porque vivemos com um povo que é diferente do nosso.

jovem trabalhador no trabalho

Conceição: "na fábrica onde trabalho só há poeira, não podemos respirar. Lá trabalham quase 50 imigrantes. Quando há um trabalho custoso para fazer vêm trazê-lo aos portugueses. Não ligam nada a nós. So mos estrangeiros, não valemos para nada. Para os patrões, os imigrantes são iguais a zero".

Sim, igual a zero, tendo em conta que somos pessoas que deveriam ser respeitadas como tal. Mas não somos considerados igual a zero quando se trata de trabalhar de render cada vez mais.

Maria: a petros queria declara-lá recepcionista à inspecção do trabalho. Lá disseram-lhe: "Há muitos franceses desempregados, porque se empregam portugueses para fazer este trabalho?"

Pois, enquanto houver franceses desempregados que possam ocupar uma determinada profissão, não há lugar para os estrangeiros. Ou já nos teríamos esquecido que os piores trabalhos são para nós?

E que se estamos aqui é porque a economia francesa precisa de nós para o seu desenvolvimento? Quando já não formos necessários para isso ou quando começarmos a tomar consciência da situação que vivemos e a organizar-nos, o governo tentará utilizar a sua legalidade para nos mandar embora.

o desemprego

A situação do emprego toca todos os trabalhadores; nestes, os imigrantes que uma vez no desemprego, mais facilmente estão sujeitos a ter que regressar para o país de origem. Este factor que leva a uma incerteza e insegurança constantes, faz com que muitas vezes "sejamos obrigados a fazer a primeira coisa que aparecer".

Além do desemprego, embora esteja ligado, vivemos hoje de uma forma mais marcante, o racismo, as humilhações constantes. Somos mal recebidos nas repartições públicas; nos transportes, por exemplo, quando falamos a nossa língua ouvimos reacções, tais como: "Vão para o vosso país, estão aqui a comer o nosso pão, etc...".
Manuela: "quando fui pedir trabalho a um hospital, perguntaram-me se era francesa. E não me empregaram".



José: "na escola houve problemas entre os alunos. A mim disseram-me: "sale race" e escarraram-me na cara".

a escola

A França tem que assegurar a existência de uma mão-de-obra não qualificada para melhor poder garantir os lucros dos capitalistas.

Quem será esta futura mão-de-obra?

Carlos: "na escola, vamos para as "classes práticas" querem-nos para os trabalhos manuais, mais nada. Os pais desencorajam os filhos para que eles não sigam os estudos. De qualquer forma, para os franceses somos os "pauvres types", não nos deixarão ir muito longe.

Além das "classes práticas", sabemos também que a grande maioria dos jovens que estão em idade escolar, se encontram nos colégios de ensino técnico, embora esta orientação não tenha sido escolhida livremente nem tenha em conta as verdadeiras aspirações das pessoas.

leis e repressão

A nossa situação de imigrantes é caracterizada também pela obrigação de possuir uma certa de trabalho que não dá acesso a qualquer profissão e que limita as zonas onde somos autorizados a exer-

cer a nossa profissão.

Os contratos de trabalho são uma "prisão" para aqueles que chegaram há pouco. Zé : "Na nossa zona, as pessoas que estão sob contrato têm que fazer não importa o quê. Dão-lhes salários indecentes. Habitam em quartos indecentes. É pior que os cães".

Neste momento não é raro ouvir falar dos controlos policiais no meio imigrante.

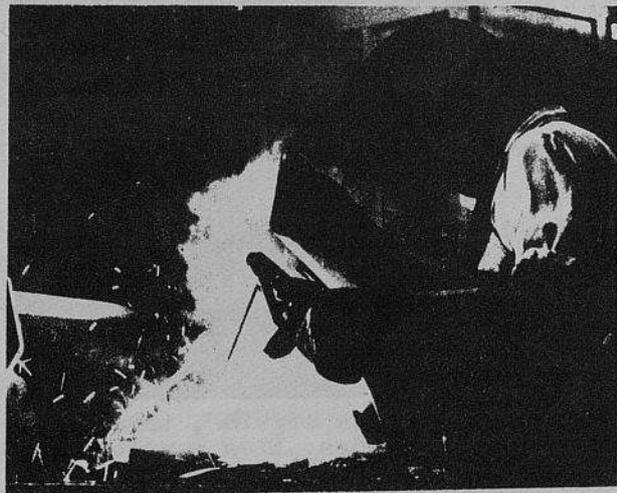
Além desta situação, acrescentamos a separação das famílias, como geralmente acontece e que traz graves problemas, sobretudo do relativos ao equilíbrio afectivo.

mão-de-obra mais barata

Um dos aspectos da imigração que sempre existiu e hoje, apesar de nos dizerem que as fronteiras estão fechadas, continua a existir, é o da procura directa dos trabalhadores imigrantes no seu país de origem.

António : "Na fábrica onde trabalho há postos de trabalho onde só há estrangeiros, porque faz muito calor. De vez em quando chegam imigrantes, geralmente com contrato de seis meses para fazer estes trabalhos. Com contrato, sem saber falar, nada conhecem, têm que aguentar. Ao fim dos seis meses, o que as pessoas querem é ir embora. Mas para onde ? Só se voltarem para o seu país".

Há empresas que vão contratar pessoal no próprio país de origem dos trabalhadores para fazer os trabalhos mais ingratos e puderem dar um salário miserável. Ao mesmo tempo é uma forma de garantir um certo número constante de desempregados e de travar a luta dos trabalhadores que há cerca de 100 anos lutam pela semana de 40 horas e por um salário que permita viver decentemente.



incerteza perante o futuro

A situação do nosso país tem consequências directas sobre nós. A instabilidade política impede muitos imigrantes de poder ver como organizar o seu futuro. Apesar de, em muitos casos, haver uma falta de consciência política e de informação no meio imigrante, temos consciência que é mais um factor que ainda mais nos põe à margem. Esta situação é ainda mais grave para os jovens que nem sequer tiveram ou têm a possibilidade de aprender a língua portuguesa.

Certamente que não é necessário acrescentar mais factos para vermos que a nossa situação específica é uma realidade

vivida todos os dias, em todos os aspectos da nossa vida.

Mas existe também em nós a vontade de acabar com esta situação e sobretudo destruir as suas causas profundas : o sistema capitalista, baseado na exploração do homem pelo homem, onde o dinheiro é rei e a pessoa é considerada como máquina de produção.

Esta situação tem que ser transformada por aqueles que hoje são vítimas dela : "A libertação do homem tem que ser fruto da sua própria luta". Não podem ser outros a fazê-lo por nós.

Hoje, os jovens imigrantes organizam-se e reagem. (ver JO N° 14).



A nossa organização de jovens trabalhadores imigrantes tem que ser obra nossa. Só assim poderemos partir da nossa situação concreta para melhor respondermos, com a nossa acção, às nossas aspirações que são as de toda a classe trabalhadora.

É certo que não será de um dia para o outro que acabará a imigração, consequência do sistema capitalista e que tantas humilhações traz, tantas pessoas destrói.

É necessário traçarmos etapas que nos ajudem a desenvolver a nossa acção transformadora:

- Organizemo-nos em grupos nas fábricas, ateliers, escolas, para conhecermos a situação global da empresa, do sistema de ensino;
- Através deste trabalho poderemos contactar outros jovens e assim sermos cada vez mais numerosos;
- Informemo-nos sobre a situação de Portugal, a luta dos trabalhadores, as suas conquistas, as suas dificuldades;
- Informemo-nos das novas leis e decretos relativos a imigração que vão saindo;
- Formemos grupos de reflexão sobre a nossa situação e de planificação da acção que temos que realizar para modificar as condições que vivemos.

O J.O. tenta ser um meio de apoio desta organização para a acção transformadora e de libertação dos oprimidos.

a luta das operárias

na capsulerie

BELGICA

Todos os trabalhadores aspiram a uma mudança do sistema que oprime os homens do mundo inteiro... E porque este sistema é mundial, a luta tem que ser travada em todo o lado, ela é internacional.

A seguir publicamos a narração de uma acção organizada e realizada por trabalhadores imigrantes na Bélgica :

Em Junho 1975, o patrão da "capsulerie" de Chaudfontaine (na Bélgica) decide despedir 65 mulheres e três homens e de trocar estas por homens.

As razões ditas pelo patrão :

- 1) - Reorganização do trabalho.
- 2) - Poder fazer os 3 turnos (8hx3).
- 3) - Menos pessoal e mais produção (mais lucros) graças às novas máquinas.

O grupo de militantes da JOC, que trabalham na empresa, conta-nos a sua acção: "O patrão sabia muito bem que as operárias não podiam trabalhar de noite. (Foi uma reivindicação que elas obtiveram depois de grandes lutas). Também diz que elas ficam muito caras devido as baixas de serviço por gravidez ou baixas por razões familiares (filhos doentes etc...).

Mas sobretudo o que ele queria era despedir as operárias e empregar homens para os lugares livres.

Houve três assembleias para votar o encerramento da fábrica ou o desemprego das 65 mulheres.

Com estas duas propostas, o patrão não deixa grande coisa aos trabalhadores. E como se eles tivessem de escolher entre a peste e a cólera.

Estas propostas são feitas para dividir a massa dos trabalhadores, quer dizer:

- 1) - Divisão entre as mulheres e os homens. Estes não são tocados por isto.
- 2) - Divisão entre as operárias que vão ser despedidas e aquelas que não o vão ser.

Com estes métodos, o patrão tenta dividir os trabalhadores, porque ele sabe que a união é que faz a força.

No mês de Junho, 15 operárias são despedidas. Depois das férias, mais 15. Nessas encontram-se três militantes da JOC e mais três operárias que trabalhavam lá há cerca de quinze anos.

As operárias estavam revoltadas de ver as suas camaradas partir.

Ao discutirmos com elas, quer sejam no quarto de banho fumando um cigarro, seja no refeitório durante o almoço, as raparigas do grupo JOC e essas operárias viram que era injusto e que deviam reagir e travar uma acção.

Vendo isto, o grupo e algumas trabalhadoras reuniram-se para decidir uma acção.

Decidimos fazer um panfleto para sensibilizar os trabalhadores.

Distribuimo-lo antes de começar a trabalhar. Algumas horas depois, uma militante da JOC foi imediatamente despedida. Motivo: distribuição de panfletos e má educada frente ao patrão.

Tinha ele medo que houvesse uma acção de massa ?

A maior parte das operárias estavam prontas a parar o trabalho, mas com o acordo dos delegados sindicais. O que era impossível.

O grupo estava revoltado com a conciliação entre sindicatos e patrões. Voltamos a fazer um panfleto. As trabalhadoras assinam uma petição para exigir uma assembleia. O grupo começa a compreender que só a mobilização poderá fazer surgir algum resultado. Também isto mostra que já havia uma certa combatividade dentro da empresa.

Mesmo assim não houve assembleia, o que fez que as operárias fossem despedidas.

Mas o que é formidável é que o grupo e os trabalhadores da "Capsulerie" avançaram nesta acção. Se fosse preciso voltar a fazê-la, nós faríamos-la. As operárias per-



tem com a cabeça erguida, tomaram as suas responsabilidades. Elas continuarão a lutar nas outras fábricas.

Não podemos perder coragem. Ao princípio era um grupo que falava só dos seus pequenos problemas, mas pouco a pouco fomos tomando consciência dos problemas da fábrica e agimos.

Foi preciso ao grupo 5 anos para poder realizar esta acção, mas não estamos arrependidas.

E se não chegamos aos nossos objectivos, as nossas camaradas, que ainda trabalham na fábrica continuam o combate e nós esperamos que elas consigam alguma coisa. Continuamos a reunir-nos e em contacto. Continuaremos a lutar.

**ESPECIAL
JOVENS
13-17 ANOS**



os jovens organizam-se

No dia 18 de Janeiro, alguns jovens vindos de vários grupos encontraram-se em Paris.

Durante este dia falou-se do que se tinha realizado a partir do inquérito (ver J.O. nº 11-12-13) ; viu-se qual é a situação actual e as suas causas. No fim, viu-se como continuar juntos a reflexão e acção começadas.

A seguir publicamos o resultado do trabalho deste encontro.

a nossa situação e acção

Em Rouen houve cerca de 25 inquéritos preenchidos. Para apresentar os resultados decidiram realizar um encontro onde convidaram a malta nova. Os resultados foram apresentados não só sob a forma de "sketchs", de cartazes, mas também com uma projecção de diapositivos. Depois formaram diferentes grupos onde têm reflectido sobre os problemas que se lhes põem (e a nós todos) jovens e imigrantes, na escola e no trabalho.

O que é importante é que a partir desta reflexão saíram propostas para uma acção em comum : acção para tentar resolver os problemas, para desmascarar e lutar contra as injustiças que nos rodeiam, para combater a selecção na escola, o ensino no CET ligado à orientação profissional.

Como diz uma jovem que "trabalha" num CET : "na escola temos que trabalhar à peça para nos habituarmos a dar o rendimento".



Nós falamos com os colegas para combater esta situação. Com o grupo organizamo-nos, exprimimo-nos e assim podemos denunciar o CET "verdadeira fábrica". É um jovem : "Quando escolhi a minha profissão, pensava que era mecânica de carros, mas o que aprendo não tem nada a ver com isso. Aquilo no colégio é uma verdadeira fábrica.

Sim, o CET é uma simples fábrica dominada pelos patrões que decidem as pessoas que terão o CAP, quer dizer, aqueles que eles precisam. O CET é prático para o patrão. Dali saem pessoas prontas a dar um rendimento importante e o patrão não paga para a aprendizagem, portanto ganha muito dinheiro com o sistema de CET actual.



Em Paray houve 35 inquéritos preenchidos. Realizou-se um encontro para apresentar os resultados: um "sketch" para ilustrar a selecção na escola, cartazes para os tempos livres, projecção de dia positivos para a família. Os grupos que se formaram depois do encontro decidiram organizar um curso de português. O curso já começou. "Somos nós todos que organizamos as aulas: sem professores, sem régua, sem notas, mas simplesmente com vontade de aprender a falar o português, livremente. Só podemos aconselhar que outros tentem a mesma experiência."

porque vivemos esta situação?

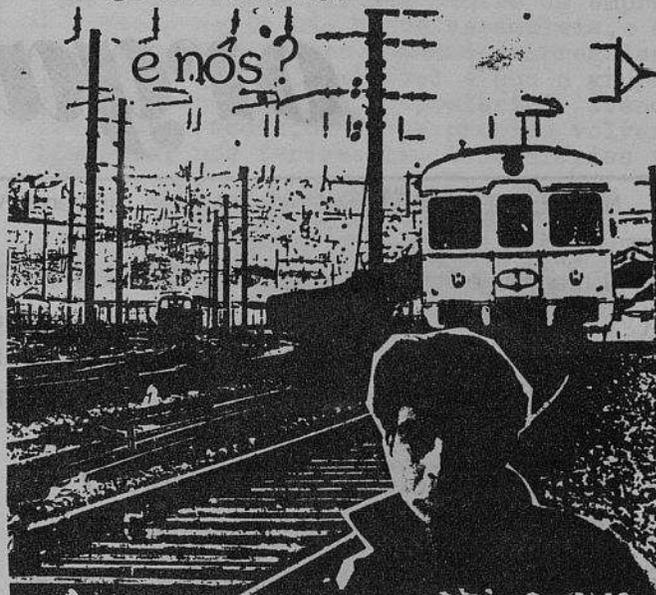
No seguimento do encontro reflectimos sobre uma das causas da nossa situação, a imigração.

Através duma montagem de diapositivos procuramos ver quais as causas que nos fizeram emigrar, quais as condições que encontramos ao chegar a França e as consequências desta imigração, isto é, o que vivemos na escola, trabalho, alojamento, racismo, etc.

A imigração portuguesa tem sido causada por um baixo desenvolvimento da indústria e da agricultura. A guerra, além de ser uma causa do baixo desenvolvi-

to do nosso país (50 % do dinheiro ia para a guerra), também fez com que muitos jovens imigrassem. A impossibilidade de que os nossos pais tinham de nos dar uma formação, levou-os a sair de Portugal. Finalmente, as causas da imigração, seja portuguesa ou qualquer outra, estão ligadas ao subdesenvolvimento dos países, criado pelo sistema capitalista.

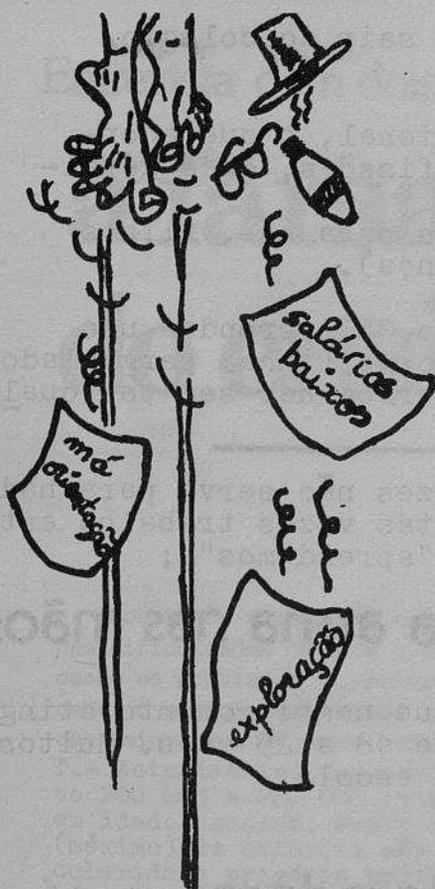
A imigração é igual à exploração. Os nossos pais, quando vieram, foram obrigados a aceitar qualquer trabalho, com salários ridículos. Sem qualquer possibilidade de se defenderem, não conheciam a língua, os seus direitos. Mas sentiam-se roubados sem poder abrir a boca, humilhados em qualquer lado. E isto tudo longe da família.



Nós também somos vítimas da imigração. Os jovens portugueses passam geralmente pelo CET ou vão directamente trabalhar. Nós também vamos fazer os piores trabalhos ou já os fazemos.

Mas perante tudo isto, não ficamos parados. Todos nós, ao acabar o encontro, decidimos continuar a acção com os nossos colegas na escola ou no trabalho, para mudar a nossa situação. Também decidimos reunirmos brevemente para continuarmos a trocar experiências entre os diferentes grupos, para vermos em conjunto como continuar a agir e a organizar-nos. Desta forma, seremos cada vez mais numerosos e mais fortes para continuar o que já iniciámos.

JOVENS IMIGRANTES = FUTUROS MANOBRAS



Quer estejamos no trabalho ou na escola, quer sejamos aprendizes ou operários nas fábricas, "ateliers", não somos respeitados, não têm em conta as nossas capacidades nem as nossas aspirações.

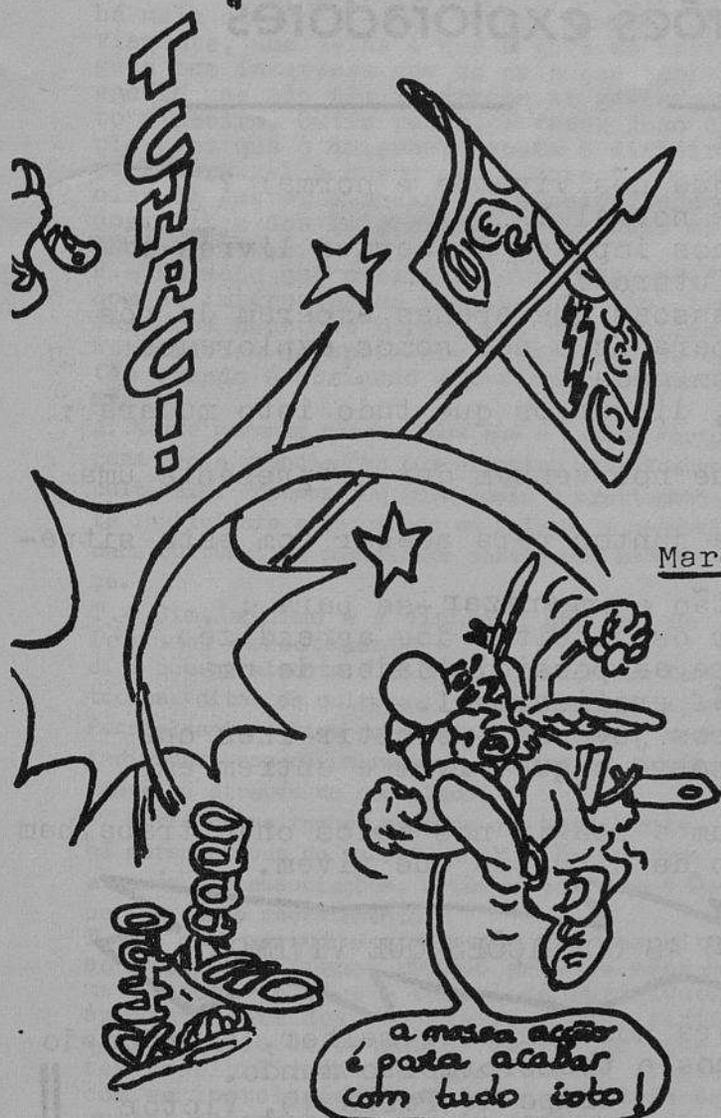
O grupo de Paris 19, fal-nos das condições que vivem : _____

Carlos :

- Sou aprendiz merceneiro. Não estou contente com o que se passa na empresa onde trabalho. O chefe queria que eu arrumasse o meu banco de trabalho duas ou três vezes por dia. Disse-lhe que estava lá para aprender a trabalhar e não para fazer coisas inúteis. Não aceito fazer um trabalho que não seja dentro da arte que aprendo. O que eles querem é forçar-me a ocupar o lugar dum manobra. Há dois meses que só me dão portas para fazer. Mas eu vou falar porque não é fazendo sempre a mesma coisa que se aprende uma profissão.

Marcelo :

- Trabalho numa papelaria onde fui empregado como "manutentionnaire". Mandam-me fazer a limpeza e o trabalho que os outros não querem fazer (tapa-buracos). Como tenho 17 anos, o patrão aproveita-se da minha idade. Sou estrangeiro mas não deixo fazer o que ele quer, não quero ser considerado como um zero. Sou trabalhador e tenho direitos como qualquer outro.



Estas condições são vividas por muitos outros jovens imigrantes. Já ao chegar a França estamos desprivilegiados porque não sabemos a língua. Temos dificuldades em seguir os estudos.

Maria : - "Estou no 2º ano de ensino comercial. Vou sair do colégio, porque não consigo seguir o francês".

Depois, quando chega a altura da orientação profissional, o que acontece ? Muitas vezes apresentam-nos uma lista de profissões, onde geralmente não está o que gostaríamos de aprender.

Fora do CPA, CPPN, ou CET, geralmente não há lugares para nós, filhos dos imigrantes (que trabalham para enriquecer a França).

Marcelo : - "Quando saí da escola mandaram-me para o CET aprender uma profissão que eu não gostava. Antes não me tinham perguntado nada. Ao fim de algum tempo saí e fui trabalhar sem ter qualquer qualificação".

Ao sair da escola com ou sem diploma (que muitas vezes não serve para nada) há dois caminhos : - ou encontramos trabalho e quantas vezes trabalho este que tem pouco a ver com o que "aprendemos" ;



DESEMPREGO uma arma nas mãos

ou então é o desemprego que neste momento atinge cerca de 700 000 jovens de 18 a 25 anos. Muitos destes saíram há pouco da escola.

dos patrões exploradores

É importante que nos perguntemos se o que nós vivemos é normal ? Certamente diras não ! Mas porque não é normal ?

Não será que as condições que vivemos nos impedem de sermos livres e responsáveis, de escolher o nosso futuro ?

Estas condições são-nos impostas por pessoas que apenas esperam de nós muitos lucros, dinheiro. Mesmo se para isso nós somos explorados e a nossa dignidade de PESSOAS é esmagada.

Também dirás que não é só com palavras, discursos que tudo isto mudará : claro que não !!!

Mas também não podemos estar à espera que nos venham dar em presente uma bela situação só para nós :

Nós somos capazes de fazer alguma coisa juntos para acabar com esta situação :

Por exemplo os colegas de Paris 19, estão a organizar-se para :

- Conhecer e aplicar os direitos dos aprendizes.
- Informarem-se sobre as possibilidades de uma verdadeira formação profissional.
- Para conhecer outros jovens e permitir-lhes que eles se expressem sobre o que vivem e entrem em acção também.
- Para ajudar cada um a reagir nos meios onde trabalham para a modificação da situação que vivem.

PARA JUNTOS DENUNCIARMOS AS CONDIÇÕES QUE VIVEMOS

Tudo isto é possível e é **IMPORTANTE** para nos conhecer melhor, sairmos do isolamento, compreendermos o que vivemos e transformar o mundo.

Grupo de Paris 19, Victor
Francisco
Marcelo
Carlos

2º MEETING NACIONAL DOS APRENDIZES

19 e 20 DE JUNHO EM PARIS

a farsa do ensino de português em França

J. Poderíamos conversar normalmente partindo das dificuldades de toda a realidade escolar : desde os problemas dos professores até a realidade do ensino a que estão submetidos os filhos dos imigrantes em idade escolar, na imigração.

T.- Actualmente, deve haver aproximadamente 200 000 a 280 000 crianças portuguesas em idade escolar. Neste momento apenas 10% (máximo) de crianças são atingidas pela escolaridade primária portuguesa. Porque não há mais cursos ? - Por várias razões. Obviamente, uma delas é que o governo português tem interesse que as crianças tenham escola mas não têm interesse em gastar muito dinheiro. Outra razão, é fazer jogo duplo para que o imigrante envie o dinheiro para Portugal e que o governo não precise de gastar dinheiro na escolarização dos filhos dos imigrantes. Ora, tanto melhor !

R.- Eu acho que o estado português aqui com os imigrantes só tem lucros, não tem despesas nenhuma porque ele não realiza actividades de apoio aos imigrantes ou então quando é obrigado a realizar, faz pelo mínimo.

J. Neste momento nós sabemos que o Estado Português apoia associações que dizemter actividades culturais. Podemos que esse apoio é praticamente ineficiente e deturpado em relação a necessidade cultural da comunidade portuguesa em França.

T.- Sim, mínimo e é dinheiro que vem de Portugal directamente.

J. E que geralmente é ao serviço de grupos fantoches, ditos de cultura, ligados as associações. Pessoalmente estive ao corrente dum caso onde indivíduos esperavam receber 200 contos directamente ou através do consulado.

Outra coisa também, sabemos que actualmente há perspectivas de recrutamento de professores através das associações, estão ao corrente ? Que pensam deste recrutamento ?

T.- O que eu sei é que o que diz respeito ao ensino em França passou para as mãos de uma pessoa - o vice - Cônsul de Paris. Quem aparentemente deveria tratar disso, seria a Secretaria do Estado da Imigração que tem possibilidades de fazer isso, tanto com as instalações como uma quantidade de outras coisas e que também ainda não fez nada mesmo em relação ao ensino de adultos. O que existe, a não ser pequenas iniciativas aqui e ali, não há nada.

Até existe actualmente em Portugal possibilidades de apoio mas era preciso que as

entidades oficiais se mexessem para criar um quadro de ensino de adultos, como isso não acontece ninguém faz nada...!

J. Achas que isso é a base correcta de ver as necessidades actuais do ensino para adultos na imigração ?

T.- A nível do ensino, eu acho que as entidades responsáveis ainda não se preocuparam em fazer grande coisa porque também ainda não houve movimentos imigrantes importantes para fazer pressão, o que me parece ser a única via, senão eles estão nas tintas. Desde que o Sr. Adido Cultural tenha o seu ordenado e o Sr. Embaixador o seu ordenado isto vai continuando assim, vai-se fazendo pedidos para Portugal por papel e a situação continue na mesma.



J. No que toca ao desenvolvimento dos cursos, sabemos que há já sitios onde houve recrutamento de professores por vias populares através de assembleias de pais de crianças. As pessoas foram escolhidas mesmo sem terem o canudo de professores para exercer essas funções e que no entanto parece haver dificuldades, pelas mesmas razões, da parte das entidades oficiais. O que pensam disto ?

T.- Em relação a isso eu tenho sempre medo desse tipo de coisas ; dum tipo que se impõe e que começa a trabalhar mesmo se ele foi escolhido pelos pais dos alunos. Muitas vezes aparecem indivíduos que dizem ser competentes quando sabemos a quantidade de burlões que há na imigração, há uma série de tipos que andam, no fundo, a roubar os que trabalham. Se as pessoas pedem um professor e pedem ao Estado para pagar devem ver anteriormente se a pessoa é competente ou não.

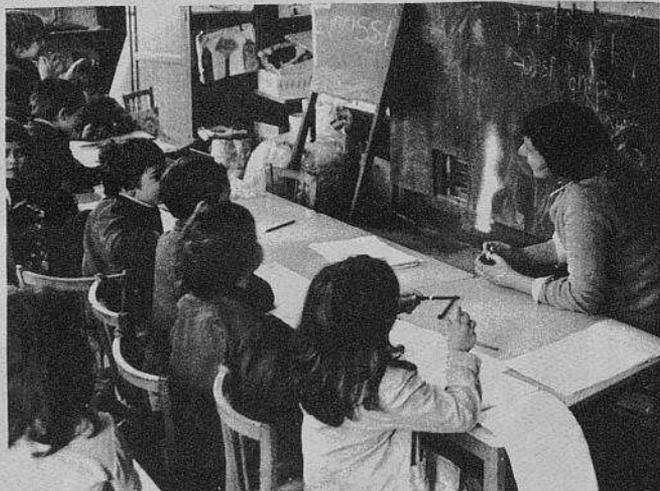
Há casos de pessoas que foram propostas pelas associações que são pessoas sem competência nenhuma para ensinar e sem terem perspectivas muito correctas para o ensino, o que quiseram foi uma certa promoção social. Tenho muitas dúvidas que certos

tipos consigam ensinar em linhas corretas para o ensino, se de facto se pretende que as crianças aprendam português. Por isto eu acho que as pessoas devem propôr, mas ter muita atenção de não proporem um burlão. Porque muitas vezes aparecem indivíduos diante dos pais a dizer: "se vocês não me apoiarem para eu vir para professor vocês nunca mais conseguem aqui escola portuguesa para as crianças".

J. Conheces algum caso que se possa apontar ?

T.- Estou a ver dois indivíduos que começaram a trabalhar em sítios onde não havia professores e que estão a levar 50 francos por cada criança e estão a fazer movimento com os pais para que sejam legalizados. Um deles, entre outros meios de publicidade, faz anunciar isto pelo padre na missa. Portanto, é um indivíduo que de já suspeito : este tipo por exemplo, chegou lá e disse que foi proposto, mas como é que foi proposto ! E metem-se assim indivíduos, sem competência a trabalhar com crianças.

R.- Eu que pertenço a outro consulado não conheço nenhum caso concreto desses. O que já ouvi falar foi desse padre que vai dizer às pessoas com felinhas mansas que faz coisas e diplomas e assim facilmente embarcam os imigrantes nessas histórias.



T.- O que é preciso é que as pessoas que têm direito a ter escola para as crianças numa aula que não estejam mais de 25 alunos. No momento em que eles saibam disto devem exigir às autoridades um professor para lá, se eles não forem competentes caibe as pessoas, ao longo do tempo, ir vendo se o indivíduo é competente ou não.

R.- Acho que o controlo sobre o professor deve ser exercido pelos pais das crianças e pelos outros professores. Mas isto tem que ser feito dentro de certas normas.

J. Isso põe em causa a organização dos professores que não existe neste momento.

T.- Precisamente, há uma parte de professores que não é tão grande como seria de desejar que tentam criar estruturas que dêem um apoio, que não permitam casos destes de se aproveitarem do imigrante. Hoje já se vê uma série de jogos políticos que impediram esta organização de se formar que pudesse lutar por estes interesses e que ao mesmo tempo pudesse administrar o ensino como deve ser, que possa ser alargado ao máximo aos trabalhadores portugueses.

R.- Acho que tem de haver duas coisas : 1º) é a organização democrática dos trabalhadores imigrantes ; -2º) a organização democrática dos professores na imigração. Neste momento nenhuma destas coisas existe, de maneira que existem to-

das as bases para haver desonestidade e para que o ensino não esteja efectivamente ao serviço dos trabalhadores imigrantes. Actualmente é a lei da selva, cada qual faz aquilo que quer.

T.- O recrutamento dos professores não obedece a nenhum critério e mete-se o professor pelas cunhas que tem, pelas simpáticas do partido. Não se olha, nem à competência, nem à ligação com a comunidade e a possibilidade de apoio. O professor é a única pessoa que tem possibilidades de esclarecer os imigrantes e de ajudar a que eles não sejam explorados. Quer dizer, o papel do professor pode ser fundamental e por este facto tanto pode ser positivo como negativo, depende se é um indivíduo que está ao lado dos explorados ou ao lado dos exploradores. Por isso acho que o esclarecimento e o trabalho a fazer com os professores é fundamental.

R.- Em relação aos exemplos que tu perguntavas há pouco, conheço professores que têm outro emprego, quer dizer, têm dois tachos : um que está num banco e que à quarta-feira e ao sábado vai dar aulas ; outro que é tipógrafo. São gajos que têm dois salários, enquanto há outros que não têm nenhum : é um bocado de goludice amais !

T.- Isto também acontecesse com os tipos que têm um emprego e que levam um dinheirão depois em lições a trabalhadores, uns 200 ou 300 francos por aluno, quando eles deviam dar essas explicações de borla.

R.- Actualmente um professor tem no mínimo 16 horas por semana, só em casos raros é que tem mais. Portanto, o resto, em relação a um horário normal de quarenta horas, o professor deveria dedicar o tempo que lhe sobra ao serviço dos imigrantes e para isso recebe um salário, não é ?

J. Há coisas importantes a salientar aqui. Quando se fala da animação dos professores no meio dos imigrantes, subentende-se que ele está automaticamente ao serviço dos explorados. Acha que há muitos professores

R.- Há de tudo como na farmácia.

T.- Nesta altura, para não ser muito pessimista penso que deve haver uns 20 % a fazer esse trabalho. Uns ajudam, às vezes a escrever cartas, mas, em oposição há alguns colegas fora da região parisiense interessantes : em Clermont-Ferrand as professoras juntaram-se todas e fazem um curso de alfabetização de adultos e pensam, para o próximo ano dividir-se para formar vários grupos. Na região parisiense também já há alguns casos de professores que trabalham com imigrantes e é tudo... Aqui também há o reverso, que é o professor que trabalha com os imigrantes só para fazer propaganda do seu partido.

R.- Parece-me que há uma forma de resumir isto, pode dizer-se que há professores, que usando do factor de terem uma certa influência junto dos imigrantes e que são pagos com o dinheiro destes mesmos imigrantes, acabam por fazer uma propaganda política partidária contrária aos interesses dos trabalhadores imigrantes. Por vezes tentam burlar os imigrantes para se integrarem no seu partido quando esses partidos são contrários aos interesses dos trabalhadores.

J. Outros exemplos podem ser as ditas reuniões de informação sobre Portugal que têm sido feitas por esses partidos da burguesia que se aproveitam dos serviços ditos dos imigrantes.

R.- Reuniões feitas pelo P.S., eu, em to-

do o caso procuro não ir. Uma vez fui a uma organizada pelo P.C. Era de dormir de pé.

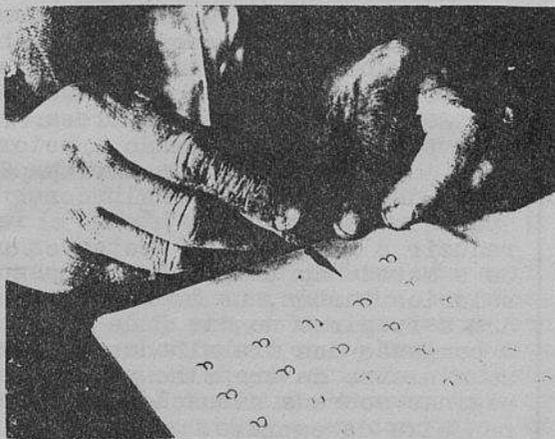
T.- Não há grandes dificuldades, excepto se houver uma pessoa muito influente do partido, lá da mó-de-cima que pode recrutar e que a pessoa proposta não venha tirar o lugar ao do partido.

R.- É simples, gajo que fosse do P.C. ou do P.S. pode entrar logo; um que não se entra conforme as circunstâncias. Mas a lei fundamental é a cunha.

T.- Há uma moça que tem toda a competência e que já está inscrita há quatro anos e ainda não entrou porque não tem cunha. Agora é de não esperar muito porque os sa neamentos à esquerda já começaram aqui em Paris nos serviços portugueses. Na Caixa Geral de Depósitos já puseram na rua três colegas válidos que lá havia, entre os quais duas da Comissão de Trabalhadores. Por isso pensa-se que é possível, como os contratos são anuais, que os professores mais activos irão para a rua no próximo ano.

J. Porque é que o Estado alega que neste momento não tem possibilidades financeiras para pagar os professores?

R.- Tem piada que até aqui, bem ou mal iam-se criando cursos, agora que o Governo português recebeu milhões dos capitalistas da Europa, diz que não tem dinheiro para criar mais cursos. É de se perguntar para onde e para quem vai esse dinheiro todo?



J. Qual tem sido a posição das entidades consulares?

T.- As entidades consulares estão-se nas tintas e vão dizendo que isso depende do ministério da educação.

R.- Como os Cônsules já têm "educação", não é um problema que os afecte muito.

T.- A propósito dos cursos para adultos, sabemos que só em Paris foram quarenta e poucos indivíduos que se apresentaram a exame e que foram todos explorados com 300 ou 400 francos por mês. Isto foi no exame do segundo ano, houve alguns que se apresentaram autonomamente e que desenvolveram melhor raciocínio: que os que tinham andado nos cursos dos Padres Neves, etc., o que fizeram foi "adormecer" as faculdades de raciocínio das pessoas. Esta exploração deve-se a que não haja um ensino gratuito ao qual as pessoas têm direito.

J. Que atitudes têm tido os professores conscientes quando estão ao corrente deste roubo, desta exploração dos trabalhadores imigrantes? Qual a posição dos delegados sindicais que foram escolhidos em Lisboa para representarem os professores na imigração?

R.- Nunca ouvimos falar de delegados sindicais. Realmente, um dia apareceu aí um tipo a falar de sindicato, mas era só ele que estava a par disso...

T.- As pessoas acharam tanta graça e fartaram-se de rir de tal maneira que o tipo nunca mais cá apareceu.

Os professores, como qualquer outra profissão são precisas de se organizar de maneira a que não venham mandar neles e que eles próprios definam o que devem fazer.



T.- As entidades oficiais propuseram um tipo de organização que não permitia a livre expressão dos professores. Actualmente já se começa a falar de organização de base, de autonomia. Esta organização é mais a nível de Paris que se sente a necessidade.

R.- Como nos outros lados são poucos, dois, três, seis, o Consulado domina-os mais facilmente. Aqui em Paris, os professores têm sido uma espécie de bolo que todos querem comer, visto que estamos em ligação directa com os imigrantes: um partido que controle os professores, controla também 20 ou 30 mil famílias portuguesas.

J. Queres referir os partidos fascistas e sociais-fascistas no seio da imigração que têm tido influência sobretudo na divisão dos professores?

R.- Ah! sim, os falsos comunistas e os falsos socialistas têm tido uma influência predominante.

T.- E sem que os professores se apercebam. Eles dizem: "Eu não pertencço a nenhum partido", o que não permite aos professores um esclarecimento directo.

J. Aham que neste momento há um trabalho de informação junto dos trabalhadores imigrantes sobre Portugal e sobre o problema das causas da imigração?

T.- Eu penso que há pouco para o que se pode fazer sobre a situação em Portugal. Um professor estando bem esclarecido pode fazer coisas interessantes. O que é importante é que os professores não restringam o seu âmbito de informação, dizendo aos portugueses que têm de se unir, etc... Está muito bem, mas penso que também é necessário que se unam aos marroquinos ou aos franceses com quem trabalham na fábrica... e não estimular o racismo que muitas vezes, por diversas razões existe, é necessário estimular a unidade de classe.

R.- Quer dizer, sempre que o racismo se manifeste, resistir, mas saber distinguir que os patrões utilizam este racismo para dividir os trabalhadores. Também é por isso que é necessário que os professores não venham de lá de baixo (Portugal), mas sim pessoas com experiência na imigração, porque não se pode defender a "cultura portuguesa", mas sim a cultura dos exploradores da classe operária e de todos os trabalhadores.

PORTUGAL

quem são os inimigos

dos operários e camponeses!



Após a normalização dos acontecimentos do 25 de Novembro, o vice-secretário de estado dos "EUA" visitou Portugal, para verificar se este seguia uma "via democrática". Ao mesmo tempo, o secretário geral do "Partido Socialista" foi à América para estudar, com representantes do governo Americano, as possibilidades de uma ajuda financeira a Portugal. Visto que o relatório do vice-secretário dos EUA foi favorável, um acordo de auxílio financeiro foi elaborado entre os dois países por intermédio do secretário geral do "Partido Socialista", visto que Portugal segue uma via democrática. Pela mesma razão, a Social Democracia Europeia decidiu também ajudar financeiramente Portugal, também porque os partidos PPD e PS, traíndo as aspirações do povo, garante-lhes que Portugal seguirá uma "via democrática".

O dito "Partido Comunista" que está representado no governo burguês, com todas as outras forças de direita, faz tudo para manter o seu lugar num governo que não defende os interesses da trabalhadora, mas sim o dos países que nos tentam dominar: os países imperialistas,

eleições, serão para a classe operária?

Depois do 25 de Abril, pela 2ª vez o povo português vai ser obrigado a votar, para eleger uma assembleia legislativa burguesa e que não defende o interesse das massas populares.

Eleições para quê? E para quem? Nós temos já uma experiência. A quem serviram as últimas eleições? Governo que nos reprimem e nos exploram, que se dizem elei-

tos democraticamente por um povo. Como podemos nós acreditar numa coisa em que o povo não tem direito nem liberdade de eleger ou tirar um governo quando bem o entende e julga necessário? É esta a democracia dos partidos burgueses. Só a eles é dado o direito de concorrer às urnas, só a eles lhes abriram a porta e deram a autoridade de pregar a doutrina burguesa.

A isto eles chamam liberdade, liberdade de explorar e oprimir, quando nos lembramos que há um ano não fomos livres de votar, havendo mesmo quem fosse proibido de o fazer como por exemplo os imigrantes, o que já não acontecerá desta vez. Nós temos que nos organizar para desmascarar esta farsa.

Não podemos deixar que esses senhores ao serviço do capital nos continuem a explorar e dominar.

os trabalhadores reagem

Depois do último conflito que virou totalmente a vida política do país para a direita, o primeiro sector a manifestar-se foi a construção civil, com uma greve de duas horas em vários dias, isto para sensibilizar os operários para não permitir um possível regresso ao fascismo.

Logo a seguir, apareceu o problema da Timex "fábrica de relógios" onde existe capitais americanos e ingleses. Só Portugal tem 20 fábricas. Esta empresa emprega 1900 trabalhadores, sendo a maioria mulheres. A administração da empresa Timex decidiu despedir 800 trabalhadores sobre os 1900 que ela emprega; não só isto, como reduzir o horário dos restantes operários a metade do tempo. Por conseguinte, os salários também. Os trabalhadores não tardam a reagir e no dia 5 de Janeiro de 1976 a comissão dos trabalhadores apresentou ao ministro do trabalho um dossier de 100 páginas sobre a situação económica e financeira da empresa.

A direcção da Timex respondeu no dia 23 do mesmo mês da seguinte forma: a partir de hoje, a empresa fechará durante duas semanas. No entanto, e apesar disto, os trabalhadores apresentam-se ao trabalho como se nada tivesse acontecido. Fizeram um controle rigoroso para não haver provocações, ficaram na fábrica só nas horas de trabalho, afim de não sair da legalidade.

Esta luta é muito importante; põe claramente o problema das multacionais em Portugal. Estas são implantadas só para criar dificuldades económicas dentro dos países pobres. Os trabalhadores da Timex propõem que se organize uma frente anti-monopolista, formada pelas comissões de trabalhadores de todas as outras multacionais. Foi realizada uma reunião neste sentido, onde apareceram 15 comissões sobre 80, foi criado um secretariado provisório. Por enquanto, para ajudar estes operários em luta e forçar o governo a intervir neste conflito, comissões de trabalhadores de diferentes empresas apoiam a luta da Timex. Assim, temos a Lisnave e a Paray-and-son que lhes enviam alimento, os trabalhadores do cinema propõem fazer espetáculos para popularizar esta luta.

as cooperativas são invadidas

Os habitantes de Argea (aldeia perto de Torres Novas) viveram um verdadeiro cerco militar nos princípios do mês de Janeiro, no quadro da ofensiva do governo contra as conquistas populares.

Agora as cooperativas (1) são atacadas e despojadas dos seus bens pela força, seguida mesmo de agressões físicas. Assiste-se à persiguição movida contra as cooperativistas em todo o país e à dissolução destas organizações, mas vejamos o que se passou em Argea.

Ao amanhecer de um dos primeiros dias de Janeiro, os habitantes de Argea foram surpreendidos pelo cerco militar de um batalhão de Santarém, com canhões de grande calibre voltados para a aldeia.

Foi dada a ordem aos habitantes de se reunirem no centro da aldeia e imediatamente dois capitães e alguns soldados irromperam nas suas casas, fazendo buscas com pretexto de encontrarem armas escondidas. Não tendo encontrado nada, dirigiram-se às cooperativas, fizeram uma verificação de identidade, expulsando os estrangeiros (que trabalhavam na cooperativa) sem qualquer motivo.

Um grupo de soldados ameaçava o povo para que este não pudesse reagir. No interior das cooperativas, os trabalhadores protestavam contra o mau trato que os soldados davam aos utensílios de trabalho, e opuseram-se a que os militares levassem as camas que lhes tinha oferecido o exército após o 25 de Abril. Os trabalhadores no dia seguinte fizeram uma manifestação em frente do quartel de Santarém, reclamando tudo o que lhes tinha sido roubado. A resposta do comandante desta unidade foi que não estava ao corrente de nada e que ia inteirar-se do que se tinha passado.

Os trabalhadores decidiram não sair da frente do quartel sem que não lhes fosse restituído tudo o que lhes haviam roubado. Entretanto, na aldeia fez-se uma assembleia geral onde foram criadas comissões de vigilância, decidindo também de reorganizar a cooperativa e em conjunto com todas as outras oporem-se a novos insultos do género.

reforma agrária, para quem?

Todos ouvimos falar da reforma agrária, essa reforma agrária que foi feita para impedir que os camponeses (sobretudo do Alentejo) tomassem conta das terras dos grandes latifundiários (grandes proprietários de terras), que estavam abandonadas, ou que por problemas interiores, os trabalhadores decidiram ocupar e formar cooperativas. Esta reforma dizia que as terras não poderiam ser ocupadas sem a autorização do MFA e dos partidos políticos representados no governo.

Depois do 25 de Novembro, mesmo isto é posto em causa pelas forças reaccionárias. Os grandes proprietários reclamavam a restituição de todas as terras ocupadas pelos trabalhadores. No Norte, onde não houve reforma agrária, visto que não há grandes proprietários, os pequenos e médios agricultores, que fazem parte das massas menos esclarecidas e estão dominadas pelos partidos fascistas "CDS-PPD", pedem a abolição da reforma agrária, defendendo assim

os interesses dos grandes latifundiários e indo contra os seus próprios interesses. Hoje, a reforma agrária está limitada: Os grandes proprietários vão ser obrigados a vender algumas das suas terras, para ficarem com uma propriedade média; aos pequenos proprietários vai-se dar a facilidade de créditos para que possam comprar terrenos e assim ficam com uma propriedade média. Isto é só no Sul. Ao fim e ao cabo ficamos sempre na mesma. Em vez de haver uma propriedade de 100 operários a trabalhar para um senhor e noutra de 25 haverá 50 operários para cada senhor.

Estes senhores querem acabar com todas as cooperativas, querem manter o sistema de exploração do homem pelo homem. Os trabalhadores das cooperativas, face ao avanço das forças fascistas que querem aniquilar todas as suas conquistas, vieram no mês de Janeiro para o centro de Lisboa com todos os produtos cultivados por eles, e fizeram um "mercado selvagem" onde os produtos eram vendidos a menos de metade do preço. Para as massas populares de Lisboa foi um meio de concretizar o seu apoio aos trabalhadores do campo. Para estes foi um meio de popularizar a sua luta. Foi uma ma



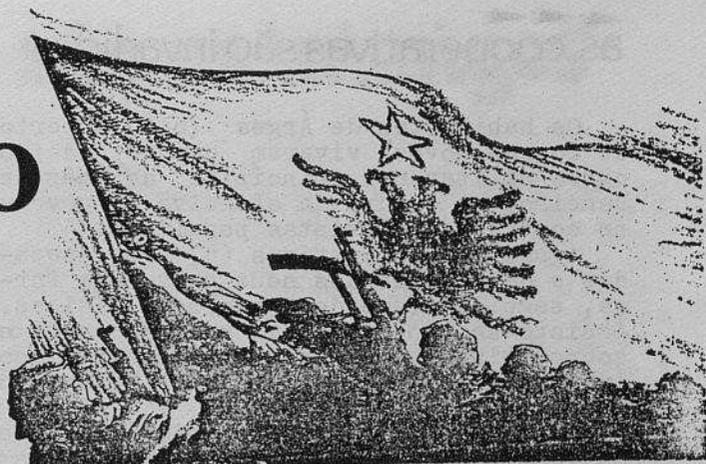
neira de mostrar que os trabalhadores não precisam de patrões (grandes proprietários), nem de intermediários, (comerciantes), os produtos baixam de preço para o consumidor (aquele que o compra) e o valor daquilo que foi produzido e distribuído pelos trabalhadores da cooperativa. A divisão já não se faz entre o intermediário e o patrão.

Só existe uma verdadeira reforma agrária que é a TERRA A QUEM A TRABALHA.

(1)-Cooperativa- associação de produtores ou consumidores que têm por fim libertar os seus associados dos encargos respeitantes a lucros dos intermediários ou dos capitalistas.

PS : Reforma Agrária, ver JO nº 11

o socialismo na albânia



A República Popular e Socialista da Albânia é hoje comandada pela classe trabalhadora. Foi ela que decidiu o seu destino através da acção política revolucionária desde há 33 anos. Foi na altura em que implantaram o PODER POPULAR e a Ditadura do Proletariado, a base da luta revolucionária e libertadora, foi desde que desapareceu a propriedade privada e toda a estrutura capitalista (ao serviço de um punhado de exploradores e do fascismo que subordinava toda a classe trabalhadora) que os trabalhadores albaneses constituíram a sociedade socialista.

É através da construção da sociedade socialista, obra que só pertence aos próprios trabalhadores, que a Albânia neste momento atinge um grande desenvolvimento em todos os aspectos e sobretudo na construção do sistema social de não exploração do homem pelo homem.

organização industrial e agrária

Na Albânia, após a tomada de posse pelos trabalhadores dos principais meios de produção, foi aberto o caminho à industrialização socialista do país.

A reforma agrária deu a terra aos que a trabalham e a colectivização da agricultura guiou os camponeses para a via do socialismo.

A propriedade privada foi transformada em propriedade social dos meios de produção no sistema de economia socialista, que domina na cidade e no campo. As classes exploradoras foram liquidadas: a exploração do homem pelo homem foi banida. Todo o desenvolvimento social faz-se de maneira consciente, planificado no interesse do povo.

O TRABALHO LIVRE DE HOMENS LIVRES

Na Albânia socialista, a classe operária é a classe dirigente do Estado e da sociedade. Laços de ajuda mútua e de cooperação foram estabelecidos entre as duas classes amigas, a classe operária e os camponeses cooperativistas e os intelectuais populares. O trabalho livre de homens livres passou a ser o factor determinante da prosperidade socialista, o aumento do bem estar geral e do bem estar de cada um.

A Albânia recuperou o seu atraso secular, e transformou-se num país dotado duma indústria e duma agricultura avançadas.

As forças populares foram libertas e foi dado livre curso à suas energias criadoras e ilimitadas.

a emancipação da mulher

A mulher albanesa saiu das trevas e passou a ser uma grande força social que avança pa-

ra a sua completa emancipação. A instrução e cultura passaram a ser o bem das massas populares, a ciência e o saber foram postos ao serviço da sociedade, foram destruídas as bases do obscurantismo religioso. A figura moral do trabalhador, a sua consciência e a sua concepção do mundo forma-se sob a influência da ideologia proletária que é hoje a ideologia dominante.

O socialismo deu provas da sua superioridade sobre a velha ordem exploradora. A Albânia comprometeu-se na etapa de edificação integral da sociedade socialista. As grandes transformações históricas criaram novas condições ao progresso contínuo da revolução e da edificação do socialismo.

a luta de classes

O desenvolvimento da luta de classes em favor do socialismo, o reforço contínuo do estado de ditadura do proletariado e o aprofundamento da democracia socialista, o aumento contínuo do bem-estar das massas trabalhadoras, a redução gradual das diferenças entre a cidade e o campo, entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, a afirmação da personalidade do indivíduo no meio da colectividade socialista, a assimilação da técnica e da ciência modernas, a revolução contínua de toda a vida do país, tais são as largas vias através das quais se reforça e progride a sociedade socialista.

educação socialista

O número de estudantes na Albânia passou de 300 a 32 000, dos quais 10 000 raparigas, e de 56 000 a 700 000 alunos entre 1938 e 1974. Um albanês sobre três é estudante ou aluno, contra um sobre cinco em 1960.



◀ ◀ ◀
A participação directa na vida revolucionária na Albânia dos jovens alunos e estudantes é feita na própria vida escolar. Como exemplo, ao fim do ano lectivo de 1974/75, dezenas de milhares de estudantes, durante as férias de verão exprimiram o desejo de passar uma parte das suas férias em acções em toda a Albânia.

Muitas dezenas de milhares de jovens, em particular alunos das escolas secundárias, aliam-se à construção da linha do caminho de ferro Prênjas-Guri i Kup e a rede ferroviária interior do complexo siderúrgico de Elbasan. Outros milhares de jovens juntaram-se às cooperativas agrícolas e às quintas do estado para ajudarem os agricultores nas colheitas, nas ceifas e em outros trabalhos agrícolas. Outros ainda, trabalharam no melhoramento dos campos em terraço sobre as ilhargas das montanhas, nas colinas ao longo do litoral e nas regiões recuadas do país.

Através destas acções, os jovens deram a sua contribuição à edificação das obras quinquenais* e à realização dos trabalhos agrícolas temporários. Eles organizaram uma série de actividades culturais e artísticas que serviram à educação e aos recreios dos trabalhadores. Os jovens aprenderam, por outro lado, a melhor se conhecerem e fortaleceram a sua amizade mútua e o seu espírito de colectivismo.

A participação directa nestas actividades permitiu aos alunos de se familiarizarem igualmente com o trabalho manual, o que lhes é útil na vida.

Depois de terem participado nestas acções, as dezenas de milhares de jovens passaram alegres férias nos campos e nas casas de repouso por todo o país.

a política albanesa para com os outros países

O povo albanês está decidido a defender, face a qualquer inimigo, a sua independência nacional, o seu poder popular e as suas conquistas socialistas. A Albânia socialista é sempre um factor activo na luta pela libertação nacional e social para a paz, a liberdade e os direitos de todos os povos contra o imperialismo, a reacção e o revisionismo.

Na política exterior, ela guia-se pelas grandes ideias do socialismo e do comunismo e ela luta pelo seu triunfo através do mundo.



* plano quinquenal : plano de produção geral prevista na Albânia, para um período de cinco anos.

RECTIFICAÇÃO

Na página 19 do último número do J.O., em vez de : "a justiça e a legalidade reaccionária foi suprimida e os tribunais populares revolucionários, a justiça e a legalidade socialista."

Deve-se ler :

"a justiça e a legalidade reaccionária foi suprimida e os tribunais abolidos. Em seu lugar foram criados os tribunais populares revolucionários, a justiça e a legalidade socialista".

8 de MARÇO

DIA INTERNACIONAL DA MULHER OPERARIA

Depois da farsa do ano internacional da mulher, vem o dia internacional da mulher, direis vós !...

Este dia é o dia internacional da mulher trabalhadora, e foi decidido em 1910 em homenagem à luta travada pelas mulheres do mundo inteiro, para a libertação de toda a classe operária, e especialmente em homenagem à luta travada no dia 8 de Março de 1837 pelas operárias de confecção de Nova York, que fizeram uma manifestação para obterem 10 horas de trabalho por dia quando elas trabalhavam 16 horas. A polícia dispersou as manifestantes, houve várias feridas.

Os jornais, rádio, T.V. não falam no dia internacional da mulher trabalhadora, no entanto ele já existe há 66 anos.

A burguesia só lhe interessa mascarar os verdadeiros problemas das mulheres trabalhadoras, e o ano 75 foi uma ocasião para nos impingir uma falsa noção de libertação, para nos explorar ainda mais.

A burguesia não se pode aproveitar do dia 8 de Março (visto a sua história) com tanta facilidade, como do ano 75, para nos impingir as suas ideias, por isso ignore-o...

Nós jovens trabalhadoras, não podemos permitir que a burguesia continue a impingir-nos as suas ideias sobre uma falsa libertação da mulher.

Por isso o dia 8 de Março deve servir para tomarmos consciência, e fazer tomar consciência às nossas camaradas da nossa exploração, e intensificar a luta, dentro do combate da classe operária por uma sociedade sem classes e sem discriminação de sexo.



Era uma vez um burguês...

... QUE TINHA UMAS FÁBRICAS GRANDES, ONDE EXPLORAVAM POR DIA, CERCA DE 3000 OPERÁRIOS



ATE QUE UM DIA...

FORA!

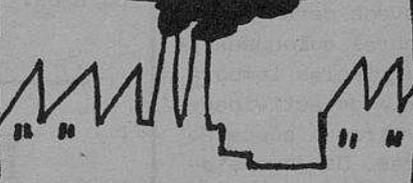
DESPEDIDOS!

... VIERAM PARA A RUA 1200 HOMENS!

AUA, JÁ NISSE!

TOE!

AOS OPERÁRIOS QUE FICARAM (1800), FOI-LHES AUMENTADO O RITMO DE TRABALHO!... (*)



(*) NOTA-SE QUE O ORDENADO NÃO AUMENTOU!

... OS OUTROS FORAM-SE QUEIXAR AO SINDICATO...

OS SENHORES DEVEM COMPREENDER... DE MOMENTO NÃO NOS É POSSÍVEL FAZER NADA... MAS...

POR SUA VEZ, O SINDICATO NÃO RESOLVEU NADA! EM CASA DOS DESPEDIDOS, JÁ NÃO SE COMIA.

VAI DAI, VÃO AO MINISTÉRIO DO TRABALHO!...

ISTO AGORA É UM PROBLEMA!... MAS VAMOS ENTRAR EM CONTACTO COM A ENTIDADE PATRONAL E VAMOS VER O QUE SE ARRANJA!

MAS ESTA VISTO QUE NADA SE ARRANJOU...

AFINAL 1800 RENDEM TANTO COMO 3000!... É SÓ UMA QUESTÃO DE UMA ACELERAÇÃOZITA!!!



E MAIS DESPEDITOS A PARECERAM...

E EM SOLIDARIEDADE COM OS CAMARADAS DESPEDIDOS AS FÁBRICAS ENTRAM EM GREVE PARA READMISSÃO DO PESSOAL

E O CAPITALISTA PENSA... PENSA... MAS...

NÃO TENHO OUTRA ALTERNATIVA!... AGORA QUE ISTO ESTAVA A CORRER MELHOR!

todos os operários são readmitidos.
A greve é a arma de luta contra os despedimentos

GREVE GREVE
ABANDONAR A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA
READMISSÃO TOTAL DOS OPERÁRIOS

